

JOVENS E LIVROS DIDÁTICOS: LEITURAS QUE MARCAM/DEMARCAM

Paulo Sérgio de Souza de Azevedo
Bolsista PROBIC FAPERGS
Orientadora: Carmem Zeli de Vargas Gil
Contato: ps170307@gmail.com



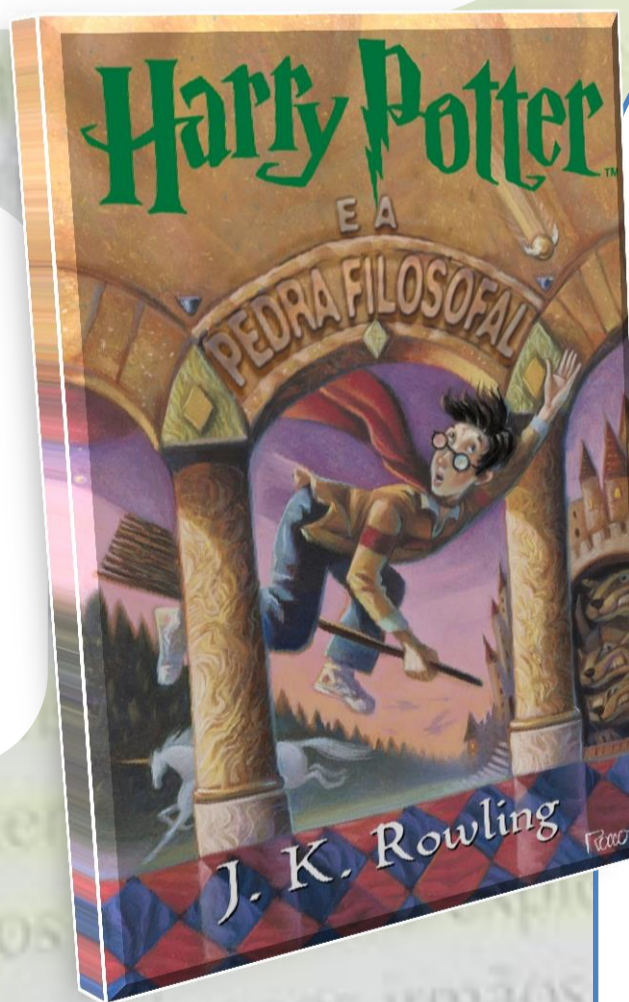
Inserido no projeto *Docência em História em diálogo com as culturas juvenis*, desenvolvido na Faculdade de Educação da UFRGS, o presente estudo tem por **objetivo** investigar diferentes formas de apropriação que os jovens fazem dos livros didáticos.



A **metodologia** utilizada contou, inicialmente, com a aplicação de um questionário em alunos de uma escola da rede pública de ensino, com a intenção de identificar os jovens que possuíam o hábito de ler e quais suas preferências. Através desse questionário selecionamos para participar de grupos de conversas os jovens que demonstraram maior interesse pela leitura. As duas rodas de conversas realizadas foram gravadas e serviram como fonte para percebermos as relações que estes jovens têm com o universo da leitura e os sentidos construídos sobre os livros didáticos.

"Harry Potter ele marcou minha vida, porque teve uma época na minha vida que eu [...] não tinha ninguém [...]. Eu aceitava mais o mundo, do que, onde eu queria viver, porque eu queria ser ele, eu queria estar junto com ele. Então eu me apaixonei muito por esse livro".

Grupo de conversa, 2013



Os **referenciais teóricos** envolvem as obras de Roger Chartier, com relação às práticas de leitura e ao conceito de **apropriação**, que nos auxilia na compreensão dos diferentes "usos" que os leitores fazem dos livros, por diversas vezes diferentes das intenções objetivadas pelos autores. Já para o contexto brasileiro foi importante um artigo de Antônio Augusto Gomes Batista (1998), *Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos*, que traz um panorama dos LDs como alvo de políticas públicas nacionais, bem como as especificidades desse tipo de material dentro do mercado editorial brasileiro.

Os **resultados preliminares** apontam a crítica com relação à linguagem "complicada" utilizada nos LDs, que parece não lhes fazer sentido, por vezes. Os aspectos gráfico-editoriais também chamam pouco a atenção desses jovens, com a existência de textos "longos demais", pouca "variabilidade de cores", pouca atratividade visual. Os grupos de conversas evidenciaram, ainda, uma relação mais distante destes jovens com relação ao livro didático de História, algo distinto daquele "encantamento" proveniente da leitura de obras infantis contemporâneas, como *Harry Potter*, *A cabana*, *A última música*, entre outras. Mesmo assim para boa parte desses jovens o livro didático é uma fonte de informações que contribui com as pesquisas sobre determinados assuntos históricos, especialmente aquelas destinadas a execução de trabalhos solicitados por professores.

"Particularmente eu prefiro muito mais um livro didático do que tu procurar na internet [...]. No livro tu tem o que: o índice, tu já tem ali a explicação, muito mais fácil de tu chegar e procurar".

"Às vezes na internet, tem uma informação que não é tão segura, assim, os livros são melhores [...] pra pesquisar, pra escrever alguma coisa, às vezes é uma boa fonte de pesquisa".

Grupo de conversa, 2013

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. "Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos". In: Márcia Abreu (org.) *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.
- CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 211-238.